

## **A BRASILIDADE VERDE-AMARELA: nacionalismo e regionalismo paulista\***

*Mônica Pimenta Velloso*

### **A construção da nação: arte e política**

O clima do primeiro pós-guerra determina alterações fundamentais na forma de se pensar o Brasil. Modificado o quadro internacional, altera-se conseqüentemente a configuração da parte Brasil. A crise de valores que sacode o cenário europeu tem seus reflexos imediatos aqui. Recorrendo às metáforas organicistas, nossos intelectuais exprimem a idéia da velha e da nova civilização: o Brasil é o organismo sadio e jovem, enquanto a Europa é a nação decadente que deve fatalmente ceder lugar à América triunfante. Alguns intelectuais interpretam o contexto como uma confirmação da análise de Spengler que previa o fim da cultura européia e a aurora do novo mundo.

Cai por terra, portanto, o mito liberal da era internacional que tornava obsoletos os nacionalismos. A idéia da grande comunidade que se auto-regulava com perfeição, distribuindo eqüitativamente a ordem e o progresso, é desmascarada. O Brasil vê-se, então, frente a frente com os seus problemas. E eles são graves: quistos de imigrantes, vazios demográficos, amplidão de território...<sup>1</sup> Este quadro denota claramente a fragilidade da nossa situação no panorama internacional, ampliando o fantasma da cobiça externa.

Em 1915, na conferência "A unidade da pátria", Afonso Arinos prega a necessidade de uma campanha cívica destinada a criar a nação. Se o Brasil tem território, não tem ainda o que se pode chamar de nação.<sup>2</sup>

Esta é a palavra de ordem da época: criar a nação. Daí o tom de urgência assumido pelo debate intelectual então instaurado com vistas à descoberta de um veredicto seguro, capaz de encaminhar o processo da organização nacional. O problema da identidade nacional assume lugar de relevo. Encontrar um tipo étnico específico capaz de representar a nacionalidade torna-se o grande desafio enfrentado pela elite intelectual.

A *Revista do Brasil*, lançada em 1916, reflete esse debate, propondo-se efetuar um reexame da identidade nacional. Seu editorial de lançamento esclarece que o objetivo da publicação é criar um núcleo de propaganda nacionalista. Gilberto Amado, em discurso parlamentar pronunciado no mesmo ano, conclama o brasileiro a assumir a sua verdadeira identidade: "Sejamos cafuzos ou curibocas resignados procurando honrar o nosso sangue..."<sup>3</sup>

Tomados deste sentimento de orgulho e resignação, os intelectuais brasileiros se auto-elegem executores de uma missão: encontrar a identidade nacional, rompendo com um passado de dependência cultural. Verifica-se, portanto, uma mudança radical na forma de

---

\* Nota: Este texto foi escrito em 1984 e publicado pela primeira vez em 1987 na série "Textos CPDOC". A versão original sofreu aqui alguns cortes e teve passagens sintetizadas.

<sup>1</sup> Thomas Skidmore, "O novo nacionalismo", em *Preto no branco; raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p.190, e Nicolau Sevcenko, *Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na 1ª República*, São Paulo, Brasiliense, 1983, p.84.

<sup>2</sup> Thomas Skidmore, op. cit., p. 173.

<sup>3</sup> Idem, ib., p.184.

conceber o papel do intelectual e da literatura. A idéia corrente é a de que o intelectual deve forçosamente direcionar suas reflexões para os destinos do país, pois o momento é de luta e de engajamento, não se admitindo mais o escapismo e o intimismo. Cabe, então, ao intelectual evitar os temas de cunho pessoal: ele deve deixar de falar de si mesmo para falar da nação brasileira.

O marco valorativo da obra literária passa a ser o grau maior ou menor com que expressa a terra e a sociedade brasileira.<sup>4</sup> Em Olavo Bilac esse nacionalismo literário vem associado à questão da mobilização militar. A defesa da nacionalidade brasileira, segundo ele, só pode ser feita através do Exército, única instituição capaz de restaurar a ordem no país. Seus discursos assinalam a união entre intelectuais de inclinação militarista e oficiais propriamente ditos. O patriotismo é interpretado como um dever cívico, cabendo aos intelectuais -elementos da vanguarda social -assumi-lo integralmente.

Ao desembarcar da sua viagem à Europa, em 1916, Bilac pronuncia um discurso<sup>5</sup> alertando para a urgência da mobilização intelectual em torno do ideal nacionalista. Duas questões adquirem relevo em seu pronunciamento: de um lado, a necessidade de se reformular a função da literatura na sociedade; de outro, o novo papel a ser assumido pelo intelectual. Assim, a literatura brasileira deve deixar de ser apenas um "templo da arte" para se transformar em "escola de civismo". Para levar a efeito tal princípio, o artista precisa abandonar sua "torre de marfim" e pôr os pés na terra, que é onde se decidem os destinos humanos. Porque dotados de dons divinatórios, os intelectuais são eleitos os "legítimos depositários da civilização", tornando-se, portanto, os mais indicados para *ensinar* o amor pela pátrias.<sup>6</sup> Nesta perspectiva, eles devem se transformar em educadores, exercendo uma função eminentemente pedagógica na sociedade.

As idéias de Olavo Bilac encontram repercussão imediata entre os intelectuais que, mais tarde, comporiam o grupo modernista Verde-Amarelo. Menotti Del Picchia defende a idéia de que o intelectual deve se portar como um mestre em relação às multidões, que necessitam ser educadas, assim como as crianças. E é esta relação que vai assegurar o progresso e a cultura. Além de mestre, o poeta deve assumir o papel de soldado a serviço da pátria, defendendo-a das invasões alienígenas. O nome de D'Annunzio é constantemente mencionado por Menotti como exemplo do "poeta-soldado" que soube abdicar de sua individualidade para lutar pelos ideais patrióticos.<sup>7</sup>

No período pós-guerra, a questão da organização nacional passa a figurar como tema obrigatório no debate intelectual. Verifica-se uma reformulação total de valores, na qual a política adquire papel fundamental. Alberto Torres aparece como um dos principais guias da nova geração, mais pelo tom de urgência de sua obra e pela ênfase conferida à questão nacional do que propriamente por suas propostas políticas.<sup>8</sup>

O depoimento de Cândido Motta Filho registra o estado de espírito que reinava no seio da intelectualidade brasileira sob o impacto da Primeira Guerra Mundial.<sup>9</sup> O autor

<sup>4</sup> Antônio Cândido, *Literatura e sociedade; estudos de história literária*, São Paulo, Nacional, 1965.

<sup>5</sup> Olavo Bilac, *Jornal do Comércio*, 2 de maio de 1916, p. 3.

<sup>6</sup> Idem, *ib.*, p. 3.

<sup>7</sup> Consultar a esse respeito as crônicas de Hélios (pseudônimo de Menotti del Picchia) publicadas no *Correio Paulistano*: A crítica, 29 set. 1920, p.3, Gente nova de Portugal, 12 jul. 1920, p. 1; e D'Annunzio, 29 dez.1920, p.3.

<sup>8</sup> Maria Teresa Sadeck, *Machiavel, machiavéis: a tragédia octaviana*, São Paulo, Símbolo, 1978, p. 85.

<sup>9</sup> Cândido Motta Filho, "Meu depoimento", em *Testemunho de uma geração*, org. E. Porto Alegre Cavalheiro, Globo, 1944. As idéias do autor têm clara filiação na obra de Alberto Torres. Na década de 1920, Cândido Motta Filho escreve uma série de artigos para o *Correio Paulistano* que depois seriam reunidos na obra *Alberto Torres e o tema da nossa geração*.

caracteriza sua geração como sendo essencialmente política por ter ficado entre duas civilizações. Esta posição dramática teria levado a que o problema da organização nacional assumisse primazia absoluta. A arte deixaria de ser um caprichoso subjetivismo para interferir na própria organização da sociedade. Procurando desfazer a tradicional idéia da incompatibilidade entre a arte e a política, Cândido Motta Filho observa que ambas se voltam para o ser humano. Enquanto a arte se dirige para a expressão, a política se volta para o exercício da conduta. Além do mais, argumenta ele, a política não é destituída de raízes metafísicas conforme a concebiam os positivistas, na medida em que trata da questão do destino.<sup>10</sup> A arte, por sua vez, também tem o seu lado pragmático, pois é através do sonho que é possível projetar e dar margem à realização. Neste sentido, é nos "ovos poéticos", como o brasileiro, que encontramos as grandes realizações.<sup>11</sup>

Na constituição do projeto do Estado nacional, literatura e política caminham juntas como irmãs siamesas. A arte é definida como o saber mais capaz de apreender o nacional e, portanto, o mais apto para conduzir a organização do país. O mito cientificista do progresso indefinido e todo o seu corolário de valores já haviam sido desmascarados nos estertores da guerra. Razão, leis, desenvolvimento linear, padrões civilizatórios etc. passam a ser vistos como representações ultrapassadas de uma época dada como encerrada. Neste contexto, as teorias de Bergson, a valoração da intuição e da emoção mostram-se mais atraentes, por oferecerem um novo lugar à arte no campo do conhecimento. Lidando com a emoção e a intuição, a arte passa a ser consagrada como depositária de valores superiores, devendo sair da esfera do puro intimismo para exercer uma ação mais dinâmica no seio da sociedade.

Tais idéias tendem a adquirir força crescente entre os intelectuais brasileiros por tornarem patente a decadência dos valores civilizatórios europeus. A visão pessimista do ser nacional, o atraso econômico do Brasil e os problemas racial e climático são repensados em função das modificações determinadas pelo panorama internacional. Verifica-se, então, uma tentativa de reverter a situação. Os fatores negativos atribuídos à nossa civilização não o são, na realidade. Se aparecem assim é porque as elites brasileiras se pensaram e pensaram o seu país de acordo com a mentalidade européia. E se esta demonstra sua falência, sua inaptidão para gerir a comunidade internacional, não há mais sentido em continuar tomando-a como modelo.

Nesse ambiente de recusa ao alienígena, considerado como responsável pelo ceticismo que se abatera sobre as elites brasileiras, cresce a onda nacionalista. Alceu Amoroso Lima observa que o impacto do pós-guerra no nosso meio intelectual teria incentivado a 'volta às nossas raízes, que mais tarde nos iriam levar à reação modernista'.<sup>12</sup>

### **São Paulo: símbolo da modernidade e brasilidade**

"Em nenhum ponto da nossa pátria ainda encontramos reunidas tantas possibilidades, tantos fatores para a elaboração de uma grande nacionalidade. É em São Paulo que está se formando a grande intuição, o *grande conceito de pátria*".

<sup>10</sup> Cândido Motta Filho, op. cit.

<sup>11</sup> Víctor Viana, "Poetas", *Jornal do Comércio*, 7 jul. de 1919, p. 3.

<sup>12</sup> Alceu Amoroso Lima, *Memórias improvisadas*, Petrópolis, Vozes, 1973. Citado por Lúcia Lippi Oliveira, "As raízes da ordem: os intelectuais, a cultura e o Estado", em *Revolução de 30*, Brasília, UnB, 1983.

A. Carneiro Leão - 10.03.1920

No início da década de 1920, o Brasil vive uma situação de otimismo. A decadência da civilização européia é interpretada como o advento promissor de uma nova era, na qual a América deveria exercer o papel de líder mundial. São Paulo vivência mais intensamente este clima. Argumenta-se que o desenvolvimento do estado o coloca em lugar de vanguarda no conjunto nacional. E lá, portanto, que se experimentam agudamente as maravilhas e as crises da modernidade. A revista *Papel e Tinta*, dirigida por Menotti del Picchia e Oswald de Andrade, apresenta este registro otimista do Brasil:

...uma rajada de energia conduziu o braço rural às zonas fecundas do sertão, já axadrezadas pelos trilhos das estradas de ferro e de rodagem; as cidades densas de uma população ávida de trabalho tornaram-se centros febricitantes de progresso e de riqueza.<sup>13</sup>

Este centro febricitante é São Paulo, núcleo do progresso econômico e social, capaz, portanto, de difundir o moderno pensamento brasileiro. Mais do que qualquer outra região, o estado paulista vive diretamente os impactos da imigração européia, com a expansão do café dando surgimento ao proletariado e subproletariado urbano. Em meio a este clima de intensa agitação social, política e intelectual nasce o movimento modernista, procurando expressar, simbolicamente, o fluxo da vida moderna.<sup>14</sup> Para os intelectuais que dele participam trata-se naquele momento de fazer a "aprendizagem da modernidade" nos centros civilizatórios, que é onde ela se manifesta. A revista *Klaxon*, considerada porta-voz da geração de 22, elege a arte de Pérola White como o paradigma da modernidade, por traduzir os valores do século XX que o Brasil precisa absorver, com vistas à atualização de sua produção cultural. Se a figura de Pérola White é escolhida como símbolo do mundo moderno, a de Sarah Bernhardt, em contraposição, incorpora os valores do passado. Vejamos os dois perfis:

Pérola White é preferível a Sarah Bernhardt. Sarah é tragédia, romantismo sentimental e técnico. Pérola é *raciocínio, instrução, esporte, rapidez, alegria, vida*. Sarah Bernhardt = século XIX. Pérola White = século XX...<sup>15</sup>

Cabe, portanto, à arte brasileira captar estes valores, registrando o dinamismo do momento. Porém, o processo de atualização nem sempre se dá de forma pacífica. Ele é conflituoso e às vezes chega a ser trágico, na medida em que implica a ruptura com os nossos valores tradicionais. Em "Novas correntes estéticas", Menotti del Picchia exprime tal idéia argumentando que a arte deve refletir o "espírito de tragédia" que se debate na cidade tentacular.<sup>16</sup> O processo de urbanização constitui a tônica e o motivo de inspiração dessa fase do movimento modernista, na qual São Paulo se confunde com o próprio Brasil. De acordo com esse espírito estão os livros de Mário de Andrade *Paulicéia desvairada* (1922) e de Oswald de Andrade *Os condenadas*, obras que traduzem a perplexidade, a velocidade, o desvario, enfim, a própria tragédia existencial e social acarretada pelo processo de industrialização-urbanização da grande cidade.

Concomitante ao clima de tensão, instala-se também o de euforia. Os jornais da época enaltecem o progresso da cidade de São Paulo, comparando-a com as grandes capitais

<sup>13</sup> "Nós", *Papel e Tinta*, São Paulo, 31 de maio de 1920, nº 1. Citado por Mário da Silva Brito, *História do modernismo brasileiro*, São Paulo, Saraiva, 1958, vol. 1, p. 127.

<sup>14</sup> Richard Morse, *Formação histórica de São Paulo*, São Paulo, Difel, 1970, p. 343.

<sup>15</sup> *Klaxon*, nº 1, 15 de maio de 1922. Citado por Richard Morse, op. cit., p. 277.

<sup>16</sup> Menotti del Picchia, "Novas correntes estéticas", *Correio Paulistano*, 3 de março de 1920.

européias. Seus jardins públicos, avenidas, teatros e cinemas nada ficam a dever aos de Paris; a construção da catedral no largo da Sé obedece ao modelo da catedral de Viena; o seu povo é exemplar. Enfim, a idéia é recorrente: São Paulo representa o exemplo da modernidade e a imagem do país futuro.<sup>17</sup>

Alcântara Machado, tido como um dos cronistas mais perspicazes da vida paulista, não esconde o seu encanto pela urbanização.

(...) em Santa Cecília as casas se afastam respeitosa para as ruas passarem à vontade. Higienópolis se enche de sombras. Do Piques até a avenida é um despropósito de prédios se acotovelando. No Piques são prédios mesmo. Na avenida são palacetes. E aí estão os anúncios de novo: *Chevrolet, Lança-Perfume Pierrot, Cruzwaldina, Sabonete Gessy*. Esverdeando, azulando e avermelhando, sobretudo avermelhando de alto a baixo a arquitetura embaralhada.<sup>18</sup>

A linguagem cinematográfica registra o dinamismo das transformações que fazem da província uma metrópole. No cosmopolitismo da cidade os intelectuais paulistas entrevêm o novo Brasil que se anuncia. Centro industrial, berço do movimento modernista, São Paulo corporifica o espírito do progresso e da modernidade.

Menotti del Picchia, nome já conhecido nacionalmente através de suas crônicas no *Correio Paulistano*, historia com entusiasmo as inovações estéticas introduzidas pelo movimento, apontando as obras de Mário e de Oswald de Andrade como símbolo da nova geração paulista. Oswald discursa na cerimônia de homenagem prestada a Menotti por ocasião do lançamento de sua obra *As máscaras*.<sup>19</sup> Nessa etapa inicial do movimento modernista os paulistas estão unidos em torno de uma questão: combater seus adversários passadistas para realizar a revolução literária. São Paulo, segundo palavras de Oswald, surge como símbolo da prometida Canaã que irá acolher as futuras gerações. De lá, portanto, irradia o espírito moderno destinado a tomar conta de todo o país.

A visão ufanista de São Paulo traz um aspecto interessante: a desqualificação empreendida em relação ao Rio de Janeiro. A promiscuidade de suas praias, o aspecto anárquico de sua economia, a futilidade dos hábitos cariocas e a violência e amoralidade do carnaval são objeto de inúmeras crônicas e charges publicadas no *Correio Paulistano*.<sup>20</sup> Até a questão da diferença climática entre os dois estados aparece como fator favorável ao progresso paulista. O clima frio propiciaria o conforto, a intimidade e a concentração de energias no trabalho, enquanto o calor favoreceria a displicência a promiscuidade das ruas e praças.<sup>21</sup>

O nome do estado paulista adquire significado simbólico: como o santo bíblico que se vê investido de uma missão sagrada, cabe a São Paulo levar sua mensagem ao Brasil, notadamente ao Rio de Janeiro, vítima do ceticismo.<sup>22</sup> São Paulo aparece sempre como a terra

<sup>17</sup> Oscar Sobrinho, "A grandeza de São Paulo", *Correio Paulistano*, 4 de maio de 1920.

<sup>18</sup> Luís Toledo Machado, *Antônio de Alcântara Machado e o modernismo*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1970, p. 45.

<sup>19</sup> Menotti del Picchia, "O almoço de ontem no Trianon", *Correio Paulistano*, 10 de janeiro de 1921, p.3.

<sup>20</sup> Sobre o assunto consultar as crônicas de Veiga Miranda, "Os palhaços do Flamengo", 15 de outubro de 1920, p. 1; Otto Prazeres, "Como se vive no Rio de Janeiro", 21 de dezembro de 1920; Chrysânteme, "Carnaval e sangue", 7 de fevereiro de 1921, p. 1; Flexa Ribeiro, "Crônica Carioca", 13 de abril de 1928, p. 2; e as charges sobre a vida carioca: "Noivados cariocas", 11 de março de 1920, e "A crise das casas", 13 de abril de 1920.

<sup>21</sup> Hélios, "Calor", *Correio Paulistano*, 28 de novembro de 1926, p. 4.

<sup>22</sup> José do Patrocínio Filho, "Na estrada de Damasco; epístola aos cariocas", *Correio Paulistano*, 18 de dezembro de 1922, p. 6.

do trabalho, do espírito pragmático, da responsabilidade e da seriedade. Mais ainda. Tem o poder da síntese por ser capaz de unir energias aparentemente contraditórias: a da ação e a da criação. Por isso São Paulo é simultaneamente Hércules e Apolo, é um "titã com miolos de Minerva".<sup>23</sup> Como se vê, o manejo de recursos simbólicos destinados a 'ideologizar' a superioridade paulista atinge dimensões surpreendentes...

A disputa estabelecida entre São Paulo e Rio de Janeiro não se restringe apenas ao período mencionado, mas apresenta linhas de continuidade no corpo do nosso pensamento político. Exemplos: as obras de Euclides da Cunha e de Lima Barreto, autores mobilizados pela questão racial que têm a preocupação de eleger um tipo étnico representativo da nacionalidade. Euclides aponta São Paulo como o foco da história do Brasil, pois lá se encontraria a "sede da civilização mameluca dos bandeirantes". Já Lima Barreto elege o Rio de Janeiro como modelo da sociedade mestiça, capaz de garantir o padrão de homogeneidade étnica do país. Para Lima, São Paulo é a imagem da opressão do Brasil, por ser a "capital do espírito burguês".<sup>24</sup>

Desde há muito, os intelectuais paulistas vinham insistindo na questão da hegemonia do seu estado, destacando-o como o centro dinâmico da nação. Tal espírito presidira a criação do Centro Paulista, em 1907, no Rio de Janeiro. Contando com o respaldo do governo estadual, o centro promove uma série de eventos, como conferências, solenidades cívicas, reuniões, exposições sobre a indústria paulista etc., com o objetivo de instituir na capital um "centro de convergência paulista".<sup>25</sup>

A revista *Brasileia*, fundada em 1917, pertencente ao grupo nacionalista católico, também reforça a oposição São Paulo-Rio de Janeiro. Defendendo o "brasileirismo puro e integral", esta publicação desqualifica o Rio de Janeiro, identificando-o como centro essencialmente cosmopolita e corrupto, voltado para fins puramente materiais.<sup>26</sup>

Através da *Revista do Brasil* os intelectuais paulistas continuam defendendo o mesmo ponto de vista, que vem a constituir a tônica do artigo de Rubens do Amaral "Manifestações do nacionalismo". Nele, o autor apresenta São Paulo como o "dai rico do Brasil vadio", observando que o grande mal do país é a falta de integração. Cabe ao estado paulista, na qualidade de pai, promover a unificação nacional através da valorização das tradições culturais brasileiras. De acordo com esse espírito, a revista anuncia a promoção de um concurso literário, voltado para a pesquisa do folclore regional, sugerindo como temas as quadrinhas populares e as lendas sobre o Saci-Pererê e o Caipora.<sup>27</sup>

A preocupação com a valorização das nossas tradições culturais e folclóricas é plenamente encampada pelos modernistas. Recuperá-las significa construir a identidade brasileira, sem a qual seria impossível ao país afirmar sua autonomia no panorama internacional.

Através da crítica aos gêneros literários herdados do século anterior esboça-se um quadro do ideário modernista. Se nele predomina o acordo em discutir certas questões - como a da atualização cultural - já se delineiam o que seriam mais tarde as diferenças entre os diversos grupos. Daí a importância de reconstruir as linhas mestras do debate ocorrido entre

<sup>23</sup> Menotti del Picchia, "Novas correntes estéticas", *Correio Paulistano*, 3 de março de 1920, p. 1.

<sup>24</sup> Nicolau Sevcenko, op. cit., p. 188 e 203-205.

<sup>25</sup> Mário Vilalva, *Como se faz uma instituição; notícia histórica sobre o Centro Paulista (1907-37)*, Rio de Janeiro, Revista dos Tribunais, 1937.

<sup>26</sup> Lúcia Lippi Oliveira, *O nacionalismo no pensamento político brasileiro da 1ª República*, Rio de Janeiro, CPDOC (mimeo), p. 49.

<sup>27</sup> Rubens do Amaral, "Manifestações do nacionalismo", *Revista do Brasil*, São Paulo, nov. 1919, p. 218-25.

1920 e 1924, no qual se manifestam as controvérsias relativas ao regionalismo que mais tarde iriam separar o grupo Verde-Amarelo das demais correntes.

Os modernistas são unânimes no combate às estéticas parnasiana, realista e romântica. O parnasianismo é descartado enquanto gênero literário ultrapassado por aprisionar a linguagem nos cânones rígidos da métrica e da rima. A liberdade de expressão é a bandeira de luta do movimento, que reivindica a criação de uma nova linguagem, capaz de exprimir a modernidade.

Também o realismo é criticado, na medida em que incidiria sobre valores tidos como retrógrados, tais como o cientificismo. Oswald de Andrade se insurge contra a pintura figurativa do quadro de carneiros que se "não tivesse lâzinha mesmo não prestava". Para o autor, a utopia é uma dimensão do real, porque não é apenas sonho, mas também um protesto.<sup>28</sup> Assim, o ideal figurativo, a extremada ênfase no realismo são considerados barreiras à criação artística.

Para Menotti, a crítica ao realismo adquire uma outra conotação. Ele associa realismo a pessimismo, observando que os autores realistas dão sempre uma visão distorcida do nacional. Distorcida por sobrecarregar seus aspectos negativos, gerando sentimentos de derrota e incapacidade. Em *Juca Mulato* (1917), o autor procura criar uma nova versão do "Jeca-Tatu", fugindo ao estilo realista de Monteiro Lobato, que retrata o atraso e a miséria do caboclo, em oposição frontal à ideologia da grandiosidade e da operosidade paulista, tão veementemente defendida pelos verde-amarelos. A obra de Menotti acaba derivando, todavia, para uma "idealização de base sentimental", sendo a vida do caboclo descrita de modo lírico e sonhador.<sup>29</sup>

A objeção ao romantismo incide na ênfase que este dá ao sentimento, na sua tendência à tragédia e à morbidez. Agora, a "alegria é a prova dos nove". Oswald é categórico: "E preciso extirpar as glândulas lacrimais". Na literatura modernista, o riso desempenha uma função catártica, voltada para a liberação de falsos conceitos estéticos, éticos e sociais. Exige-se uma nova consciência social capaz de refletir a complexidade do mundo moderno. Menotti também combate o romantismo argüindo a necessidade de atualização do ser nacional. No entanto, esta atualização assume um tom às vezes dramático e dilacerante quando o autor sente

(...) uma necessidade instintiva de apunhalar (...) esse quase duende (...) que, de quando em quando, surge à tona do (seu) ser *atualizado* para lembrar o país sempre intimamente sonhado da cisma e da sentimentalidade.<sup>30</sup>

A incorporação à ordem moderna é compreendida como urbana e industrial. Por isso torna-se dramático ter uma "alma de caboclo" aprisionada na "gaiola anti-higiênica da cidade".<sup>31</sup> O acesso à modernidade significa então o acesso à racionalidade, ao pragmatismo, enfim, à ética capitalista. Através de sua coluna no *Correio Paulistano*, Menotti defende esses valores e pleiteia a morte necessária do romantismo. Em "O último romântico", o autor lamenta o caráter anacrônico de um suicídio amoroso, argumentando que os novos tempos exigem que o amor passe para o domínio de uma simples operação financeira, devendo essa mesma dinâmica ocorrer no nível da vida pessoal, social e política.

<sup>28</sup> Lúcia Helena, *Uma literatura antropológica*, Rio de Janeiro, Cátedra, 1981, p. 108.

<sup>29</sup> Mário da Silva Brito, op. cit., p. 123.

<sup>30</sup> Menotti del Picchia, "Uma carta", *Correio Paulistano*, 1º de julho de 1922, p. 4.

<sup>31</sup> Menotti del Picchia, "Uma carta", *Correio Paulistano*, 18 de outubro de 1921, p. 5.

Menotti propõe, então, o "patriotismo-prático" baseado no lema "Amar o Brasil é trabalhar". Na era industrial, é preciso sacrificar o lirismo e o "nirvanismo contemplativo" e assumir uma perspectiva eminentemente utilitarista e pragmática. A natureza deve deixar de ser, conforme o fora no romantismo, objeto de culto poético para se transformar em objeto de lucro e de investimento. A poesia da nossa riqueza econômica deve predominar no Brasil novo. Esse Brasil é representado por São Paulo, considerado como centro do trabalho, de atividades práticas, utilitaristas e inteligentes. A velha Faculdade de Direito - antigo núcleo da boemia - transforma-se numa "fábrica de bacharéis" que deverão difundir a cultura brasileira.<sup>32</sup>

Na crítica ao romantismo e a todo o seu corolário de valores (devaneio, escapismo, culto à natureza, boemia) esboça-se a ética do homem empreendedor ideologia típica dos países europeus no começo do processo de industrialização. Nela encontram-se os fundamentos ideológicos da doutrina dos verde-amarelos. Ao defender o espírito pragmático, o poeta-educador e o soldado, o culto da operosidade e do progresso, o grupo, na realidade, está apontando São Paulo como o modelo da nação. Pelo alto grau de desenvolvimento industrial e pela vanguarda de intelectuais que produziu, o estado deve necessariamente exercer o papel de líder.

A partir do denominado segundo tempo modernista (1924 em diante) consolidam-se as diferenças entre as várias correntes do movimento. Se, num primeiro momento, a questão da atualização da nossa cultura uniu indistintamente os modernistas na luta contra os gêneros literários tidos como ultrapassados, agora o problema muda de configuração. Para modernizar o Brasil urge conhecê-lo, considerar as suas peculiaridades e propriedades. E neste momento, portanto, que se articula a proposta modernizadora - voltada para a atualização - com a questão da brasilidade.<sup>33</sup> O ingresso na modernidade deve ser mediado pelo nacional. A grande questão que se coloca é dar conta do nacional. E nesse ponto vão se situar as divergências quanto à forma mais adequada de apreendê-lo.

## A geografização do Brasil

Cada um de nós tem um trecho de paisagem dentro de si. Temos que fixá-lo em tudo quanto escrevemos.

Cassiano Ricardo

O que é o Brasil? Um país fragmentado pelas diferenças ou um conjunto homogêneo? E o regionalismo? Seria um sinal do nosso atraso, um obstáculo à atualização da cultura brasileira ou, pelo contrário, o depositário da nossa verdadeira identidade?

São essas as questões que aquecem o debate intelectual modernista, criando cisões, confusões e alianças. Se, de certa forma, a idéia do Brasil como conjunto cultural que se impõe pela sua originalidade é unânime, a constatação do fato não dilui as divergências. Lançado em 1926, o *Manifesto regionalista do Nordeste* registra o seu protesto contra a homogeneização, criticando o estilo citadino de vida, a cultura urbana ocidentalizada, enfim, a nova realidade do pós-guerra. O grupo Verde-Amarelo encampa em parte esta crítica,

<sup>32</sup> Sobre o combate ao romantismo pelos verde-amarelos ver as seguintes crônicas publicadas no *Correio Paulistano*: "O último romântico", 27 de agosto de 1921, p. 5; "Pelo Brasil!", 19 de setembro de 1923, p. 3; "Patriotismo prático", 4 de outubro de 1923; e "São Paulo de hoje", 7 de setembro de 1922, p. 38.

<sup>33</sup> Eduardo Jardim, *A constituição da idéia de modernidade no modernismo brasileiro*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1983 (tese de doutorado).

notadamente a reação ao cosmopolitismo. Acusados de fazerem uma literatura regionalista, os verde-amarelos respondem dizendo que os acusadores é que perderam a dimensão do nacional por estarem comprometidos com os modismos estrangeiros.

Entre 1925 e 1926, os verde-amarelos rompem com os grupos Terra Roxa e Pau Brasil. Desencadeia-se a partir de então uma verdadeira polêmica que tem como pano de fundo a questão da relação regionalismo-nacionalismo. Para os verde-amarelos, as demais correntes modernistas cometem um erro fundamental: encaram o regionalismo como motivo de vergonha e de atraso. Isto acontece, segundo seu ponto de vista, porque esses intelectuais teimam em ver o Brasil "com olhos parisienses", o que leva, em decorrência, a que qualquer manifestação de brasilidade seja reduzida a regionalismo.<sup>34</sup>

Para o grupo Verde-Amarelo, o que está em primeiro plano é o culto das nossas tradições, ameaçadas pelas influências alienígenas, tornando-se, por isso, urgente a criação de uma "política de defesa do espírito nacional".<sup>35</sup> Assim, a valorização do regionalismo coloca-se como imprescindível porque possibilita "delimitar fronteiras, ambiente e língua local". E mais: só o regionalismo é capaz de dar sentido real no tempo e no espaço, já que o ritmo da terra é local. Assim, o brasileiro não deve acompanhar o ritmo da vida universal, pois este é abstrato, genérico e exterior. A alma nacional tem um ritmo próprio que deve ser respeitado custe o que custar.<sup>36</sup> É este senso extremado do localismo que marca a doutrina verde-amarela, diferenciando-a do ideário modernista.

Ao apresentarem o caipirismo como *elemento* definidor da brasilidade, os verde-amarelos se indispõem com o grupo antropofágico e com a corrente liderada por Mário de Andrade. Criticam a filiação européia do primeiro e o intelectualismo da segunda, posicionando-se contra tudo o que não consideram ser genuinamente nacional. As idéias do particular, da fronteira e da guarda do primitivo passam a constituir as bases do seu nacionalismo cultural.

Toda a polêmica desencadeada sobre o que significa ser brasileiro deixa clara a relevância da questão regionalista no interior do modernismo, marcando bem as resistências à tentativa de redefini-la de acordo com novos parâmetros. Apesar de o modernismo não se assumir como anti-regionalista, na medida em que confere notória importância ao folclore e aos costumes das diferentes regiões culturais brasileiras, ele introduz uma nova concepção do regional, acrescentando elementos que viriam mediar a relação regionalismo-nacionalismo.

Toda a polêmica desencadeada sobre o que significa ser brasileiro deixa clara a relevância da questão regionalista no interior do modernismo, marcando bem as resistências à tentativa de redefini-la de acordo com novos parâmetros. Apesar de o modernismo não se assumir como anti-regionalista, na medida em que confere notória importância ao folclore e aos costumes das diferentes regiões culturais brasileiras, ele introduz uma nova concepção do regional, acrescentando elementos que viriam mediar a relação regionalismo-nacionalismo.

As diferenças existentes entre as várias regiões brasileiras passam a ser vistas como partes de uma totalidade corporificada pela nação. A perspectiva de análise é extrair do singular os elementos capazes de informar o conjunto. Portanto, a visão do conjunto cultural é que deve direcionar a pesquisa do regional. Mário de Andrade, um dos intelectuais mais representativos do movimento, defende com precisão essa idéia através da teoria da

<sup>34</sup> Menotti del Picchia, "Regionalismo", *Correio Paulistano*, 3 de outubro de 1926, e "Carta ao Dany", *Correio Paulistano*, 30 de setembro de 1926, p. 7.

<sup>35</sup> Hélios, "Nacionalismo", *Correio Paulistano*, 13 de abril de 1923, p. 5.

<sup>36</sup> Estas idéias são expostas por Menotti del Picchia no artigo "Regionalismo" (ver nota 34) e por Cassiano Ricardo em "O espírito do momento e da pátria na poesia brasileira", *Correio Paulistano*, 24 de setembro de 1925, p. 3.

"desgeografização" -processo através do qual se descobre, além das diferenças regionais, uma *unidade* subjacente relativa à sua identidade.<sup>37</sup> Tal unidade deve constituir o objeto último da pesquisa do regional, pois nela reside sua inteligibilidade, sua razão de ser. O regional em si não tem sentido.

Através da teoria da "desgeografização", Mário propõe uma nova maneira de se pensar o Brasil. Até então a literatura regional vinha interpretando a realidade a partir da geografia e do meio ambiente, priorizando sempre o fator espacial. Agora, entram as questões temporal e histórica. De acordo com esse universo conceitual, Mário procura interpretar o Brasil, situando-o no quadro internacional.

O regionalismo aparece como uma mediação necessária para se atingir a nacionalidade, assegurando o ingresso do país na modernidade. No quadro internacional, a parte Brasil deve ser apreendida como uma totalidade indivisa, coesa e unitária. Assim, o folclore e as tradições populares das várias regiões brasileiras - do Oiapoque ao Xuí devem ser valorizados apenas como elementos constitutivos da própria nacionalidade. É portanto a idéia de *unidade cultural* que interessa resgatar.

Esta percepção do nacional que defende a eliminação das partes em favor do conjunto torna-se uma das idéias-guias do modernismo. No entanto, a própria dinâmica do movimento vai mostrar que ela não é consensual. O obstáculo à sua aceitação residia na predominância de forte tradição regionalista de cunho ainda local e geográfico. O comentário que Sérgio Milliet endereça ao livro de Guilherme de Almeida *Raça* é um exemplo característico dessa visão ideológica. Elogiando a obra pelo seu alto sentido nacionalista, Milliet assim se refere ao seu autor: "Guilherme é profundamente brasileiro. Digo mais *paulista*."<sup>38</sup> Mário de Andrade, em carta dirigida a Sérgio, o advertiria contra o sentido simbólico, heróico e grandiloquente atribuído à palavra paulista. Argumenta ser necessário abandonar tal visão, pois o Brasil tem sido um "vasto hospital amarelão de regionalismo" e "bairrismo histórico".<sup>39</sup>

A polêmica Mário *versus* Milliet é significativa por registrar os resquícios de uma tradição regionalista de fortes bases locais. Através dela é possível entrever a postura ambígua assumida por alguns intelectuais frente à questão do nacionalismo. Presos à tradição localista, eles tendem a identificar a sua região de origem como núcleo da nacionalidade. É o caso de Milliet: para ser autenticamente brasileiro é preciso ser paulista!

Este tema estará sempre presente nas elaborações de um grupo modernista: o Verde-Amarelo. Para estes intelectuais, a construção de um projeto de cultura nacional deve comportar um retorno idílico às tradições do país. No manifesto *Nhengaçu*, os verde-amarelos rememoram o período colonial como o momento áureo de nossa civilização devido à integração pacífica entre o elemento colonizado e o colonizador. A cultura brasileira é sempre percebida como uma esfera isenta de conflitos, onde reina a integração e a harmonia. O elemento tupi é eleito o cerne da nacionalidade brasileira por simbolizar a passividade, identificada como o canal perfeito de absorção étnica e cultural. A chegada dos portugueses ao Brasil teria inaugurado um tempo que não se esgotou simplesmente no processo de colonização, mas que permanece ao longo de toda a nossa história devido à plenitude de seus valores.<sup>40</sup>

<sup>37</sup> Eduardo Jardim de Moraes, op. cit., p. 62-63.

<sup>38</sup> *Terra Roxa*, nº 1, p. 6. Citado por Eduardo Jardim de Moraes, op. cit., p. 103.

<sup>39</sup> *Ibidem*.

<sup>40</sup> Sobre o projeto cultural dos verde-amarelos consultar o trabalho da autora: *O mito da originalidade brasileira; a trajetória intelectual de Cassiano Ricardo (dos anos 20 ao Estado Novo)*, Rio de Janeiro, PUC, 1983 (tese de mestrado), p. 24-65.

Observa-se nessa perspectiva o predomínio de uma visão pitoresca e estática da tradição, uma vez que o passado passa a coexistir com o presente. Rompe-se com a concepção linear do tempo: passado e presente deixam de ser concebidos como etapas sucessivas para ingressarem numa mesma realidade. Tal percepção da história que tende a privilegiar *o espacial* sobre o temporal constitui uma das características centrais do pensamento conservador, de acordo com o já consagrado estudo de Mannhein.<sup>41</sup>

Ao adotarem esta concepção da tradição, os verde-amarelos mais uma vez se distanciam do ideário modernista. Não por defenderem a tradição como requisito para a elaboração de um projeto de cultura nacional. Nesse aspecto não há discordância; todos os modernistas estão convencidos de que só a partir do conhecimento de nossas tradições é possível encontrar um caminho próprio, uma cultura de bases nacionais. Buscando os traços definidores da identidade nacional, Mário de Andrade cria o conceito de "tradições móveis". Através desse instrumental, o autor procura resgatar a dinâmica das manifestações da cultura popular e, ao mesmo tempo, garantir a permanência do ser nacional. Mário chama a atenção para o aspecto positivo das "tradições móveis" na medida em que, movimentando-se através dos tempos, elas *atualizariam* as manifestações da cultura popular. A perspectiva do autor é histórica, uma vez que evidencia sua preocupação em encontrar para o Brasil uma temporalidade própria no quadro internacional.<sup>42</sup>

Os verde-amarelos não compartilham desse ponto de vista, pois consideram a tradição um valor que extrapola o contexto histórico. Assim, ela transcende o tempo cronológico para se fixar no espaço, no mito das origens. Este mito cria um tempo ideal que deve ser revivido, retomado, pois nele reside a brasilidade. A tradição permanece, portanto, afixada em um momento e espaço precisos: eles são plenos de significados. Não há que atualizá-la, conforme o quer Mário de Andrade, já que ela não pertence ao temporal, mas ao espacial (São Paulo).

Este contraponto entre o ideário verde-amarelo e as teorias de Mário de Andrade tem como objetivo mostrar a distância que separa o referido grupo dos ideais modernistas no que se refere à questão do regionalismo. Concebendo a tradição de forma espacial, o grupo busca recuperar o tempo mítico, localizando-o na região paulista. Se em *Macunaíma* (1928) é visível o esforço de Mário para superar a concepção geográfica do espaço, em *Martim Cererê* (1926), de Cassiano Ricardo, encontra-se mais do que nunca presente a geografização da realidade. Mas vamos por partes.

Para Mário, o Brasil é uma entidade homogênea na qual as diferenças regionais devem ser abstraídas. Por isso seu personagem Macunaíma movimenta-se livremente pelo espaço da brasilidade. Assim, sua trajetória não segue a lógica dos roteiros possíveis, mas inventa uma espécie de "utopia geográfica" que vem corrigir o grande isolamento em que vivem os brasileiros.<sup>43</sup> Sobrevoando o Brasil no "tuiuú aeroplano", o herói consegue descortinar o mapa da sua terra. Este episódio é rico de significados. Encontrar a identidade nacional significa não perder de vista a visão do conjunto. Para levar a efeito tal projeto, é preciso, então, se deslocar dos estreitos limites geográficos. Sobrevoar o Brasil para vê-lo na sua inteireza e complexidade. Assim, a perspectiva geográfica é abandonada, por impedir que se atinja uma visão do conjunto. E este o aspecto para o qual Mário de Andrade quer chamar a atenção na elaboração de um projeto de cultura nacional.

---

<sup>41</sup> Karl Mannhein, "O pensamento conservador", em José de Souza Martins (org.), *Introdução crítica à sociologia rural*, São Paulo, Hucitec, 1981, p. 77-131.

<sup>42</sup> Eduardo Jardim de Moraes, op. cit., p. 121-27.

<sup>43</sup> Gilda de Melo e Souza, *O tupi e o alaúde; uma interpretação de Macunaíma*, São Paulo, Duas Cidades, 1979, p. 38-39.

Já no *Martim Cererê* verifica-se o inverso: Cassiano Ricardo cria os "heróis geográficos" que irão realizar a epopéia bandeirante. O ponto de partida das incursões tem um retorno predeterminado: São Paulo. O percurso é circular, cabendo aos heróis realizar a "paulistanização" do Brasil. Isto porque os valores desta civilização sintetizam a própria brasilidade.

O contraste entre as duas obras é flagrante: a primeira constrói a figura do "herói sem nenhum caráter", e a segunda, a do 'Brasil dos meninos, poetas e heróis'. Flávio Koethe<sup>44</sup> sugere que a figura do herói, presente em quase toda narrativa literária, se configura como elemento estratégico para decifrar um texto. Rastrear o percurso e a tipologia do herói corresponderia a uma foi-ma de captar as "pegadas do sistema social no sistema das obras". No caso dos dois autores, a figura do herói - seja ele inspirado no épico (Cassiano Ricardo) ou no pícaro (Mário de Andrade) - traduz a própria imagem do Brasil. Temos, então, o confronto de duas visões sobre a nacionalidade: a de Mário, que é em aberto, irônica e interrogativa porque voltada para a difícil busca da identidade nacional. Busca esta que pode acabar em um logro, em um verdadeiro beco sem saída. O personagem Macunaíma não corporifica apenas qualidades consideradas positivas, mas inclui todas as fraquezas e vacilos do ser nacional que, dilacerado entre duas culturas, busca a sua estratégia de sobrevivência. Este herói, ou este anti-herói, é o próprio Brasil: ambíguo, conflitante, em constante procura de identidade. A diversidade de raças, culturas e dominações tece a "roupa arlequinal" do brasileiro, na qual se misturam o "tango, a brancura e piá".<sup>45</sup> Por isso, o herói sem nenhum caráter, o desenraizado, o descontínuo...

Já o herói ricardiano é aquele que realiza a "epopéia dos trópicos". Ele é pleno de atributos por sua capacidade de enfrentar dificuldades, seu espírito aguerrido, seu altruísmo ímpar. O engrandecimento e a dignidade desse herói são sempre reforçados pela dimensão trágica.<sup>46</sup> Como decorrência desta visão, temos um outro retrato do Brasil: acabado (no sentido de não afeito a dúvidas), grandiloquente e laudatório. Contraopondo-se à "heterogeneidade macunaímica do nacional", vemos instalar-se a homogeneidade.

Em resumo: enquanto a obra de Mário aponta para uma perspectiva histórica (mesmo que limitada), crítica e universal, a de Cassiano Ricardo reforça a visão geográfica de cunho estritamente localista.

Para os verde-amarelos, São Paulo se apresenta como o cerne da nacionalidade brasileira, justamente pela sua configuração geográfica. A originalidade da geografia paulista investiu a região de um destino especial: ser o guia da nacionalidade brasileira. O argumento se desenvolve da seguinte forma: diferentemente das demais regiões do país, em São Paulo os rios correm em direção ao interior. Este fato teria obrigado os paulistas a caminharem em direção ao sertão, abandonando o litoral. Por uma questão de fatalidade do meio ambiente, eles se tornaram, então, bandeirantes e desbravadores. Ao se internarem nos sertões, os bandeirantes teriam abdicado dos falsos valores do litoral-alienígena para encontrar os filões do Brasil-autêntico, que é o rural. Em "Canção geográfica"<sup>47</sup> transparece claramente a oposição litoral-sertão, e a associação *geografia-brasilidade-São Paulo*. Diz o bandeirante:

A estar chorando de saudade

<sup>44</sup> Flávio Koethe, "O percurso do herói", *Tempo Brasileiro (passagem da modernidade)*, nº 69, abr/jun. 1982, p. 96-120.

<sup>45</sup> Mário de Andrade, "Improviso do mal da América", 1928. Citado por Flora Sussekind, *Tal Brasil, qual romance?*, Rio de Janeiro, Achiamé, 1984, p. 95.

<sup>46</sup> A distinção entre o perfil do herói épico e do herói pícaro é feita por Flávio Koethe, op. cit., p.120.

<sup>47</sup> Cassiano Ricardo, *Martim Cererê*, p. 221-23.

portuguesa  
 prefiro varar o sertão  
 que é o meu destino singular

E mais adiante:

minha esposa é terra firme  
 as sereias estão no mar.

Na formação da cultura brasileira, o litoral representaria a parte falsa e enganadora do Brasil por reproduzir os valores estrangeiros. Não é à toa que Cassiano Ricardo se refere à saudade como uma herança portuguesa. Saudade esta que se deve ao "instinto de navegação", ao desejo permanente de descobrir novos horizontes e aventuras. Por isso, o habitante do litoral é propenso à "nostalgia do exotismo", que o leva freqüentemente a importar idéias e modas, gerando revoluções e desordem social.<sup>48</sup>

A imagem da sereia simboliza a atração-traição que o litoral exerce sobre os seus habitantes, enquanto a terra-esposa representa a fidelidade e o porto seguro. Tal discurso poético busca mostrar que São Paulo optou pelo caminho certo, ao contrário, por exemplo, do Rio de Janeiro, vítima do fascínio europeu. Graças à sua reserva natural, ao seu espírito conservador, sobriedade e tenacidade, o paulista soube se precaver contra os sortilégios estrangeiros. Refugiando-se nas fontes nativas, ele se mostrou capaz de encarnar o espírito mais intenso da brasilidade.<sup>49</sup> É por isso que cabe a São Paulo exercer o papel de guardião das verdadeiras tradições brasileiras, assumindo a vanguarda no conjunto nacional.

No ideário verde-amarelo, o Brasil sempre é apontado como motivo de orgulho: de um lado, ele é o gigante, de outro a criança. Apesar da aparente disparidade, as metáforas convergem para uma idéia matriz: a de potencialidade. Quando o gigante acordar, quando a criança crescer...

A história do Brasil é apresentada como testemunha da nossa grandiosidade. É fato curioso: é a *geografia* que escreve esta história de grandes feitos e heróis... Porque no Brasil, diferentemente dos países europeus, é a categoria espaço que explica a civilização:

A pátria, nos outros países, é uma coisa feita de *tempo*; aqui é toda espaço.  
 Quinhentos anos quase não é passado para uma nação. Por isso, nós a  
 compreendemos no presente, na síntese prodigiosa do nosso país.<sup>50</sup>

No seio da tradição filosófica ocidental, desde os fins do século XVII, o fator tempo já aparece associado à idéia de acréscimo e aperfeiçoamento, renunciando as noções de evolução, civilização e progresso. De acordo com esse quadro de referências o Brasil seria desqualificado, e na qualidade de povo primitivo representaria a "infância do civilizado".<sup>51</sup>

<sup>48</sup> A psicologia do habitante do litoral e do sertão é traçada por Alceu Amoroso Lima, op. cit., p. 267-75.

<sup>49</sup> Alceu Amoroso Lima, op. cit., p. 174-75.

<sup>50</sup> Plínio Salgado, "Geografia sentimental", *Correio Paulistano*, 10 de novembro de 1927, p. 3. Esta idéia da geografia e da espacialização do Brasil como referenciais para exprimir a brasilidade começa ser desenvolvida na década de 1920, através dos artigos que o autor escrevia para o *Correio Paulistano*. Em 1937 Plínio os reuniria em uma obra intitulada *Geografia sentimental*.

<sup>51</sup> François Furet, *L'atelier de l'histoire*, Paris, Flammarion. Citado por Maria Helena Rouanet, "Uma literatura sentimental para neutralizar a subjetividade", *Tempo Brasileiro*, jan-mar de 1984, p. 5-6.

A idéia do Brasil-criança encontra certo consenso entre as elites intelectuais brasileiras, vindo a ser constituir em vertente expressiva da nossa tradição política. O grupo Verde-Amarelo a absorve e consagra, buscando, ao mesmo tempo, modificar os marcos valorativos que a informam. Ou seja: ao invés de o fator temporal entrar como elemento abalizador da superioridade na história das civilizações, agrara entra o espacial. O tempo passa a ser associado à idéia de esgotamento, crise e passado, enquanto o *espaço* é identificado à idéia de potencialidade, riqueza e futuro. Se o critério temporal serviu até então para explicar a evolução das velhas civilizações, o *espacial* vai definir o Brasil, garantindo a sua originalidade no quadro internacional. Chegamos ao ponto nevrálgico da questão: brasilidade = espaço, território, geografia.

Em pleno modernismo, os verde-amarelos atualizam o pensamento de um autor que fora estigmatizado pelo movimento: Afonso Celso. Dele retomam a identificação entre *nacionalismo e território*. A extensão territorial do país aparece como fator determinante de sua história, que será sempre grandiosa porque deve reeditar a epopéia das Bandeiras.

O mapa do Brasil se transforma no nosso grande poema nacional, deslocando-se do domínio puramente geográfico para o poético ao tomar a forma de uma harpa.<sup>52</sup>

Esta transmutação do objeto implica a sua imediata sentimentalização:

... Ergo-me para olhar o mapa, com amor. O sentimento da pátria é uma *eucaristia*. Cada ponto da carta geográfica me evoca uma lembrança.<sup>53</sup>

São as lembranças que geram o sentimento da pátria, o senso profundo de sua unidade, a par das diversidades. A "totalidade da nação" é um mistério, comunhão profunda que não pode ser decodificada pelo intelecto. Esse tipo de pensamento que desqualifica o uso do intelecto vendo-o como prova de pouca brasilidade nos vem desde o romantismo, conforme o mostra Luís Costa Lima.<sup>54</sup> Nos trópicos, é a natureza que se encarrega de provocar o avanço do pensamento nacional. E como isto ocorre? Como a natureza dá conta deste papel? Para os verde-amarelos, a questão se resolve na geografia. Através do conhecimento dos acidentes geográficos de seu país a criança tem o primeiro *insight* de brasilidade .

...fazendo rios com tinta azul e montanhas com lápis marrom, traçando fronteiras com tinta vermelha e pintando coqueiros primitivos. E formando uma *idéia gráfica do país e amando nessa figura aquela coisa vaga e incompreensível* (...) O nosso grande poema é ainda o mapa do Brasil.<sup>55</sup>

O mapa do Brasil se transforma em objeto de culto cívico e poético, porque através dele se consegue criar o sentimento nacional. Tal formulação evidencia claramente a associação entre patriotismo e representação gráfica do país. Este "saber geográfico" que encerra a noção do círculo da fronteira é típico da escola de Jules Ferry, que confiaria à história-geografia a tarefa de inculcar o espírito cívico e patriótico.<sup>56</sup> Daí a ênfase que os verde-amarelos conferem à defesa de nossas fronteiras, cujo conceito extrapola uma representação puramente jurídica para exprimir a própria idéia de nação: sua economia,

<sup>52</sup> Cassiano Ricardo, *Martim Cererê*, p. 191.

<sup>53</sup> Plínio Salgado, *Geografia sentimental*, em *Obras completas*, São Paulo, Ed. das Américas, 1954, v. IV

<sup>54</sup> Luís Costa Lima, *O controle. do imaginário; razão e imaginação no ocidente*, São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 145.

<sup>55</sup> Plínio Salgado, *Geografia sentimental*, em *Obras completas*, São Paulo, Ed. das Américas, 1954, v. IV, p. 21-22.

<sup>56</sup> Entrevista de Hérodete à Michel Foucault, "Sobre a geografia", em *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro, Graal, 1982, p. 161.

política, cultura e espiritualidade. O intelectual deve se transformarem um cidadão-soldado sempre alerta, guardando as fronteiras do país contra as invasões alienígenas.<sup>57</sup> Sua missão é resgatar a fisionomia interior da pátria, que está terra, na língua e no Brasil-território.<sup>58</sup>

Para expressar esse nacionalismo inerente ao espaço Brasil o grupo retoma o pensamento romântico que identifica brasilidade e natureza, vinculandoas à questão da identidade nacional. A uma natureza *sui generis* deve necessariamente corresponder uma civilização *sui generis* avessa a outros modelos civilizatórios. A natureza se transforma assim em elemento abalizador e construtor da nacionalidade. Observá-la para apreender nossa originalidade constitui um dos postulados românticos mais absorvidos pelos verde-amarelos. Mas esta observação, segundo Luís Costa Lima, é pura e tão somente impulsionada pelo sentimento, sendo destituída de qualquer esforço auto-reflexivo.<sup>59</sup> No contato com a natureza vivencia-se o êxtase, dá-se a comunhão total com as forças cósmicas do meio ambiente. O homem deve, então, fundir-se com a natureza: "ver-se nela como no espelho dos nossos rios".<sup>60</sup> Plínio Salgado é ainda mais categórico quando afirma que ao pintar um coqueiro, o homem deve transformar-se no próprio coqueiro. Não há dúvidas. A fusão *homem-natureza-brasilidade* deve ser completa.

Coerentes com tal perspectiva, os verde-amarelos vão criticar as demais visões nacionalistas, notadamente a de Mário de Andrade. O espírito de observação e a análise são descartados como impróprios porque recorrem às mediações do intelecto. No conhecimento não deve haver mediação, mas comunhão: o sentimento da pátria é uma eucaristia... Os verde-amarelos consideram a visão crítica do nacionalismo falsa por se refugiar no espírito de análise, o que denota incapacidade de criar, de apreender, de intuir. Daí a identificação do nacionalismo com o sentimento: ele deve ser "coração, sangue e cérebro".<sup>61</sup> Na construção do nacionalismo as categorias do intelecto são sempre as últimas a atuar. Como na literatura romântica, o impulso à reflexão é confundido com "devaneio ocioso". Ao invés da pesquisa e auto-reflexão, o contato direto com a mãe e mestra natureza que fala pela voz da geografia. É ela que cria a nacionalidade, fazendo prevalecer o *espacial* sobre o temporal. Basta, portanto, rendermo-nos ao fascínio do nosso habitat, integrarmo-nos nele, para sermos nacionalistas autênticos...

No debate modernista a controvérsia do nacionalismo aparece de forma clara quando se distingue *brasilidade* e *brasileirismo*. Qual das expressões seria a mais adequada para exprimir o verdadeiro sentido do nacionalismo? A brasilidade, identificada como estado natural de espírito, diz respeito à intuição de um sentimento nacional, visceralmente brasileiro. Já o brasileiro é associado a sistemas filosóficos, escolas e partidos.<sup>62</sup>

Os verde-amarelos defendem a brasilidade, argumentando que esta permite a comunhão natural do homem com o meio ambiente. Ao intelectual é designada uma missão: a de criar a consciência nacional, removendo os obstáculos que dificultam a comunhão homem-meio. E quais seriam esses obstáculos? As idéias alienígenas, o mal da inteligência, o mal urbano. O espírito citadino de nossas elites é visto como uma verdadeira catástrofe, na medida em que distancia o intelectual do seu país. Um exemplo de intelectual alienado é Rui Barbosa, criticado pelo seu saber livresco e inteligência teórica, fatores que o teriam

<sup>57</sup> Sobre a relação dos verde-amarelos com o militarismo ver Calazans de Campos, "O verde-amarelismo nas casernas", *Correio Paulistano*, 14 de outubro de 1927, p. 4.

<sup>58</sup> Cassiano Ricardo, "Nossa terra e nossa língua", *Correio Paulistano*, 8 de dezembro de 1925, p. 5.

<sup>59</sup> Luís Costa Lima, op. cit., p.104.

<sup>60</sup> Cassiano Ricardo, "O estrangeiro", *Correio Paulistano*, 25 de maio de 1926, p. 3.

<sup>61</sup> Hélios, "Uma carta anti-cáqui", *Correio Paulistano*, 5 de fevereiro de 1926, p. 2.

<sup>62</sup> Adauto Castelo Branco, "Brasilidade", *Correio Paulistano*, 11 de agosto de 1928, p. 5.

irremediavelmente afastado do Brasil. Já Euclides da Cunha é apontado como modelo do intelectual brasileiro, porque sua obra fala do país, que é rural.

Na ideologia do grupo a visão antitética rural-urbano aparece intimamente associada à idéia de espaço e tempo. Assim, a cidade encarnaria a noção de *tempo*, porque sofreria a influência do século, enquanto o campo significaria o *espaço*, a influência da terra e da natureza. E estas seriam as verdadeiras forças nacionais...

A cidade representa o cosmopolitismo, na medida em que projeta o homem no mercado, distanciando-o da natureza. Este distanciamento gera tipos falsos como o homem de gabinete, da fábrica e da burocracia. E o brasileiro não é isto; sua mentalidade é *caipira*, *desurbanizada* e *rude*. Os verde-amarelos consideram o espírito citadino um dos grandes males do Brasil por trair nossa índole primitiva e nossas raízes rurais, gerando problemas e ideologias que não combinam com a realidade brasileira. O fenômeno comunista é então apontado como um exemplo de corpo estranho à organização do país, pois representaria a "antecipação histórica de um século". Por outro lado, se o espírito citadino antecipa problemas, ele também retarda soluções para as verdadeiras questões nacionais. O cangaço seria um desses problemas não resolvidos.

O prognóstico sombrio sobre a realidade brasileira é endereçado às elites intelectuais. São elas, segundo os verde-amarelos, as responsáveis pelo nosso descompasso traduzido ora na *antecipação* de problemas ora no *atraso* em resolvê-los. Exige-se, portanto, uma nova postura do intelectual: não mais o "saber livresco", mas o saber prático.

Para conhecer a sua terra, o intelectual deverá aprender *geografia*, único saber capaz de colocá-lo em *contato direto* com a realidade e com os fenômenos naturais. Tal idéia é defendida por Plínio Salgado que, na sua *Geografia sentimental*, narra suas viagens pelo Brasil. Detalhe importante: leva apenas um livro na bagagem: *O problema nacional*, de Alberto Torres. E Plínio vai confirmar a tese do seu mentor: o Brasil verdadeiro é rural...

Toda essa retórica converge para um ponto: a urgência de integração *interior-litoral*, espaço-tempo, enfim, a busca da homogeneidade. Se o litoral é designado como a parte falsa do Brasil, nem por isso ele deve ser esquecido. Urge nacionalizá-lo. E o sertão deve comandar esse processo, ou seja, deve dar sua alma à cidade para em seguida receber os benefícios oriundos da civilização.<sup>63</sup> E a alma brasileira se exprime através do folclore, dos cantos nativos e das lendas, que são os elementos responsáveis pela integração do rural com o urbano.

Para os verde-amarelos foi São Paulo que deu início ao processo nacionalizador. Através da epopéia das Bandeiras, em pleno século XVI, o estado partiu para a conquista do território. Cabe a São Paulo, portanto, coordenar todas as vozes regionais, assegurando a comunhão brasileira. Este é o objetivo do Centro Paulista, sediado no Rio de Janeiro. Em 1926 a entidade promove uma série de conferências sobre o papel pioneiro de São Paulo na formação do Estado nacional. Os verde-amarelos aplaudem a iniciativa argumentando que a providência histórica havia outorgado ao estado este destino, pois fora ele que delinear o "nosso gigantesco mapa".<sup>64</sup>

A associação nacionalismo-território-heroísmo constitui uma das bases do ideário verde-amarelo. E através dela que sempre se estabelece a relação São Paulo-brasilidade, São

<sup>63</sup> Estas idéias que consagram as raízes ruralistas de nossa formação e alertam para o perigo citadino são expostas por Plínio Salgado em "Aspectos brasileiros", *Correio Paulistano*, 30 de julho de 1927, p. 3; Candido Motta Filho, "Para a conquista da terra", *Correio Paulistano*, 4 de julho de 1927, p. 5; e Plínio Salgado, "São Paulo no Brasil; crônicas verde-amarelas", *Correio Paulistano*, 21 de julho de 1927, p. 3.

<sup>64</sup> Cassiano Ricardo, "As conferências do Centro Paulistano", *Correio Paulistano*, 20 de novembro de 1926, p. 3.

Paulo-Estado nacional. Todas as conferências do Centro Paulista vão girar em torno desse eixo. A história de São Paulo sintetiza a própria história do Brasil, desde a colônia até os dias atuais.<sup>65</sup> E é a geografia privilegiada da região que explica o seu papel de vanguarda...

Rememorando o que já foi dito: o grupo Verde-Amarelo atribui à originalidade da rede hidrográfica paulista o papel-diretor da região no seio da nacionalidade. Os rios explicam o fenômeno bandeirante, que por sua vez propiciou a integração territorial. Da mesma forma, foi o clima que tornou possível a adaptação dos mais diversos tipos humanos à região.

O grupo Verde-Amarelo revive a epopéia das Bandeiras, mostrando que, desde o século XVI, São Paulo já estaria imbuído de uma missão: a da integração territorial e étnica.

### **O imigrante se incorpora à "alma coletiva"**

No interior da ideologia modernista, o tema da imigração ganha um lugar especial, marcando sua presença nas obras mais expressivas do movimento: basta lembrar a figura do gigante Pietro-Pietra em *Macunaíma* (1928) e a preceptora alemã em *Amar verbo intransitivo* (1927), além dos vários contos de Alcântara Machado sobre os imigrantes italianos em São Paulo.

A questão deve ser necessariamente enfrentada, pois o que está em pauta é a constituição de um projeto de cultura nacional. Qual seria, então, o papel do imigrante no novo contexto? Constituiria uma ameaça à nacionalidade ou um elemento passível de ser integrado?

A maioria dos intelectuais paulistas tende a assumir a segunda posição, não deixando, no entanto, de mostrar o choque cultural ocasionado pela imigração. Mário de Andrade se refere ao fenômeno da modernidade paulista como a "mistura épica das raças". Já Oswald aponta São Paulo como o modelo para se repensar a nossa formação étnica:

A questão racial entre nós é uma questão paulista. O resto do país, se continuar conosco, mover-se-á como o corpo que obedece, empós do nosso caminho, da nossa ação da nossa vontade.<sup>66</sup>

Os modernistas criam uma nova versão sobre a nossa formação étnica diversa da clássica teoria da "trindade racial" composta pelo branco, o negro e o índio. Esta teoria, segundo eles, apresentaria uma profunda defasagem em relação à nova realidade brasileira, muito mais complexa e dinâmica. A associação *imigração-modernidade* desfruta, portanto, de certo consenso entre os intelectuais paulistas.

Para os verde-amarelos o Brasil não pode ser definido pelo "selvagem antropofágico", pelos mestiços miseráveis, "mulatos borrachos" e "mucamas sapecas".<sup>67</sup> Sua recusa da "trindade racial" se alia ao combate a uma imagem pessimista da nacionalidade. Se "o passado nos condena", o futuro é promissor... Não basta, porém, associar a questão da modernidade à da imigração: é necessário torná-la compatível com a proposição que se tornou sua bandeira de luta: São Paulo como núcleo da brasilidade. Como estabelecer um nexo entre

<sup>65</sup> As palestras do Centro Paulista realizadas por Marcondes Filho, Menotti del Picchia, Alfredo Ellis, Roberto Moreira e outros encontram-se publicadas na obra *São Paulo e sua evolução*, Rio de Janeiro, Gazeta da Bolsa, 1927.

<sup>66</sup> Oswald de Andrade, "Reforma literária", *Jornal do Commercio*, 19 de maio de 1921. Citado por Luís Toledo Machado, op. cit., p. 16.

<sup>67</sup> Candido Motta Filho, "Literatura nacional", *Jornal do Commercio*, São Paulo, 3 de outubro de 1921. Citado por Mário da Silva Brito, op. cit., p. 176-77.

a idéia de São Paulo constituir a representação mais autêntica do nacional e o fato de ser o maior centro de imigração? Como defender os benefícios oriundos da imigração sem entrarem choque com o nacionalismo? Enfim, como os verde-amarelos vão conciliar seu virulento anticosmopolitismo, o seu nacionalismo defensivo, com a exaltação da figura do imigrante?

À primeira vista tudo parece muito contraditório. Mas o grupo tem uma resposta: devido ao seu passado glorioso, São Paulo corporifica a própria idéia de nação. Logo, a região é imune às descaracterizações e ameaças alienígenas. Em outras palavras: em São Paulo, o sentimento de brasilidade é tão forte e está tão profundamente enraizado que se torna mais fácil o imigrante contagiar-se por ele do que exercer qualquer ação que lhe seja prejudicial. Assim, a "*alma coletiva*" da região é capaz de homogeneizar todas as diferenças raciais, englobando-as em um todo orgânico e coeso. A uniformidade de valores como o senso de realidade, instinto de expansão econômica e gosto pelas categorias objetivas do trabalho - é imposta naturalmente.<sup>68</sup>

Com base em tais argumentos, os verde-amarelos alegam ser despropositada a crítica dirigida a São Paulo enquanto terra conquistada pelos estrangeiros. Revertem a acusação: de antinação, São Paulo passa a ser a nação capaz de abrasileirar todos os imigrantes. Reavivando as nossas tradições, reverenciando os nossos cultos cívicos e ritualizando a nossa história, o estado paulista é o exemplo mais vivo da brasilidade junto aos imigrantes.<sup>69</sup>

O grupo posiciona-se contra o "nacionalismo jacobino" que tem como lema "O Brasil é dos brasileiros". Argumentam não ser necessária tal afirmação, já por demais evidente na nossa Constituição, história, sangue, livros e discursos.<sup>70</sup> O imigrante, segundo os verde-amarelos, se caracteriza pelo sentimento de integração na comunidade nacional. Embora, às vezes, se verifiquem algumas tendências no sentido de quebrar esta unidade - como o projeto de ligas de descendentes italianos -, elas não têm continuidade. São apenas vozes isoladas que lutam contra os sentimentos patrióticos.

O grupo defende, então, o "nacionalismo integralizador", apontando a influência estrangeira, se reduzida ao denominador comum da nacionalidade, como benéfica ao país. O imigrante é sempre visto como elemento integrável, capaz de contribuir para o enriquecimento da nação.<sup>71</sup>

No bojo de toda a discussão fica clara uma idéia: a positividade de nosso meio, sempre flexível à absorção de novos elementos étnicos. E o mito da democracia racial... O problema do choque cultural advindo da miscigenação está fora de cogitação, pois o que predomina é a perspectiva de *integração pacífica*. Assim, entre os verde-amarelos, a problemática da imigração ganha um tratamento que a diferencia do conjunto do ideário modernista. Explicando melhor: o imigrante perde sua identidade original para se integrar no "organismo etnológico nacional". Verifica-se quase que uma reificação da figura do imigrante: ele se transforma em instrumental não só da modernidade, como também da própria brasilidade!

Mas vamos por partes. Primeiro a idéia do imigrante enquanto elemento introdutor da modernidade. Entra aqui a questão do trabalho. São Paulo aparece como exemplo da modernidade porque foi a primeira região a abolir o trabalho escravo, favorecendo o afluxo de correntes imigratórias. Mas, note-se bem: não foram propriamente os imigrantes os responsáveis pela industrialização paulista. Para os verde-amarelos, ela se explica antes pelo

<sup>68</sup> Ribeiro Couto, *O espírito de São Paulo*, Rio de Janeiro, Schmidt, 1932.

<sup>69</sup> Hélios, "Nacionalismo integralizador", *Correio Paulistano*, 19 de agosto de 1923, p. 3.

<sup>70</sup> Hélios, "Nacionalismo perigoso", *Correio Paulistano*, 4 de maio de 1920, p. 6.

<sup>71</sup> Estas idéias são expostas no *Correio Paulistano* por Plínio Salgado em seus artigos "Nacionalismo", publicado a 2 de agosto de 1923, e "Suave convívio", de 29 de maio de 1923, p. 3.

ímpeto empreendedor dos paulistas do que pelo trabalho do imigrante; o imigrante tornou-se trabalhador porque sofreu as influências benéficas do meio. Logo, é a herança bandeirante que explica o progresso e a modernidade de São Paulo...

O afluxo de imigrantes para a região explica também o fato de o modernismo ter ocorrido em terras paulistas. Devido ao contato direto com os centros civilizatórios europeus, todas as formas de pensamento chegam a São Paulo com uma "rapidez telegráfica". Mais uma vez aparece a idéia do imigrante enquanto veículo de atualização e de modernização da sociedade brasileira. Só que agora em termos de cultura. A revolução estética só poderia ocorrer, portanto, em São Paulo porque lá estaria se formando a nossa verdadeira identidade. Identidade esta que se caracteriza por uma complexidade proveniente da "rebelião íncola", da "inquietação ocidental", do "nirvanismo do oriente" e da "audácia dos *cow-boys* e aventureiros".

Os verde-amarelos atribuem à nova arte brasileira uma função inadiável: refletir a "tragédia babélica da diversidade racial".<sup>72</sup> Tal diversidade, apesar de seu aspecto caótico, é sempre valorizada pelo grupo por abrigar em seu interior a idéia de *síntese*. Se nossa raça é originalmente heterogênea, ela é homogênea na sua essência, porque obedecemos à "fatalidade de um destino"... A argumentação fica mais clara quando os verde-amarelos anunciam o advento do homem novo. O homem que realiza a síntese prodigiosa, pois reúne em si a "soma de virtudes positivas" de todas as raças, constituirá um dos povos "mais belos e másculos do mundo"...<sup>73</sup> É exatamente nesse ponto que se dá a articulação *imigração-brasilidade* via raça. O abasileiramento do imigrante é uma fatalidade, pois os que vêm de fora são absorvidos, permitindo, assim, o enriquecimento do espírito nacional.

Em síntese: a doutrina dos verde-amarelos confere especial ênfase ao papel dos imigrantes na construção da nacionalidade, sendo eles os responsáveis pelo progresso industrial paulista, o evento modernista e a constituição de uma nova raça. No entanto, toda essa constelação de fatores positivos só se sustenta em função da positividade do meio. Trocando em miúdos: se os imigrantes trouxeram o progresso é porque se incorporaram ao espírito paulista. Esta versão heróica do nacionalismo vai distinguir os verde-amarelos dos demais grupos modernistas.

### **O herói nacional é paulista!**

Como todo movimento literário, o modernismo também cria a figura do seu herói, inspirada, segundo Wilson Martins, no tipo renascentista: atlético, forte, sadio e vigoroso.<sup>74</sup> Daí a ênfase nos esportes e no escotismo, que se ligam diretamente aos problemas de higiene pública e de defesa nacional, temas tão caros aos verde-amarelos. Por outro lado, o culto do esporte e da vida sadia representariam, segundo o autor, uma reação contra a "nevrose" do simbolismo. Assim, ao invés da boemia urbana com os seus vícios contraproducentes, a vida ao ar livre, as viagens pelo interior, a fuga dos centros turbulentos. Essa temática aparece constantemente nas crônicas de Hélios, publicadas pelo *Correio Paulistano*.<sup>75</sup>

<sup>72</sup> As idéias que associam o fenômeno étnico paulista ao modernismo são expostas por Menotti del Picchia em "O problema estético em face do fenômeno étnico paulista", *Correio Paulistano*, 7 de setembro de 1922, p. 2, e "Poesia Brasil", *Correio Paulistano*, 18 de maio de 1925.

<sup>73</sup> Menotti del Picchia, "A questão racial", *Correio Paulistano*, 10 de maio de 1921, p. 1.

<sup>74</sup> Wilson Martins, *O modernismo*, São Paulo, Cultrix, p. 151.

<sup>75</sup> A respeito do assunto consultar Hélios, "Escoteiros", *Correio Paulistano*, 10 de maio de 1922, p. 4.

Trata-se de construir o universo do homem novo, do herói que irá dominar o mundo moderno. A heroização do ser nacional já se manifesta em Jucas Mulato, que representa o nosso Hércules: "gil como um poldro e forte como um touro." E em *Martim Cererê* o Brasil aparece como o resultado de uma epopéia realizada por gigantes.

A visão ufanista do grupo encontra sua versão mais bem elaborada na ideologia do caráter nacional, que viria sintetizar toda uma tradição ufanista do pensamento político brasileiro. Só que com um detalhe: o herói nacional tem sua origem em São Paulo! E por que São Paulo? Argumento primeiro e único: devido à herança bandeirante que possibilitou o fenômeno da absorção étnica. Se as expedições bandeirantes integraram o branco, o negro e o índio, São Paulo da década de 1920 dá continuidade ao ideal integrador, absorvendo as mais variadas nacionalidades. Tal absorção, conforme já foi visto, resultaria em riqueza tanto em termos biogenéticos quanto culturais. O homem paulista passa a representar, portanto, a "raça dos fortes". Daí a acalorada polêmica que o grupo trava contra o cabocloismo corporificado na figura do Jeca Tatu.

Transparecem no debate duas grandes linhas ideológicas: a primeira, que identifica o brasileiro como um tipo não-homogêneo: não é nem o Jeca nem o índio. É o "Brasil-menino" dos curumins, dos moleques de senzala, dos italianinhos, verdadeiro "xadrez-etnológico" no qual se entrecruzam diversas nacionalidades. Logo, a idéia do caboclo como protótipo da brasilidade é falsa. Ao defender tal perspectiva, o grupo não está destituindo o homem do interior do seu papel de verdadeiro representante da nacionalidade. O parâmetro da autenticidade continua sendo o homem rural, só que em novas roupagens. Substitui-se a versão realista pela ufanista: o Jeca Tatu de Monteiro Lobato cede lugar ao Mané Xique-Xique de Idelfonso Albano. É este caboclo o verdadeiro herói nacional, que passa a corporificar a brasilidade devido à sua bravura para enfrentar as adversidades do meio e ao seu espírito de aventura e de conquista. Ele realiza a "epopéia nos trópicos", moldando o território nacional e garantindo a preservação do espírito da brasilidade.<sup>76</sup>

Alguma dúvida sobre a semelhança de perfil entre o Mané e o bandeirante? Na doutrina dos verde-amarelos a figura do Mané Xique-Xique vem atualizar, reforçar e talvez popularizar a ideologia da grandiosidade do caráter nacional. Coragem, espírito combativo e firmeza de caráter modelam o perfil do herói nacional representado pelo paulista. Tamanho ufanismo levaria o grupo inevitavelmente a entrar em choque com ideologias ou representações de caráter mais crítico. Como aceitar a figura incômoda de um Macunaíma que oscila todo o tempo em busca de sua identidade? No discurso laudatório, a dúvida e o questionamento se transformam rapidamente em acinte e injúria. A polêmica suscitada pela caricatura do Juca Pato, criada por Belmonte, jornalista paulista, ilustra bem o caso. O grupo vai interpretá-la como uma injúria à "fibra máscula dos paulistas". As atitudes constantes do personagem, de aborrecimento, desconfiança e protesto, seu modo de ser urbano suas vestes, enfim, toda a sua figura,<sup>77</sup> se colocam frontalmente contra a ideologia dos verde-amarelos. Para o grupo, Juca Pato não passa de um *dandy* sem caráter. E este não é o povo brasileiro, que prima pelo vigor e dedicação ao trabalho. Assim, é a tradicional imagem do Zé-Povo que melhor traduzo brasileiro: caboclo ingênuo e esperto, filósofo e bonachão, enfim, expressão do trabalho, bom humor e sacrifício.

Esta idealização do ser nacional é incorporada pela figura do paulista, portador imediato da herança bandeirante. São os "heróis geográficos" que constroem a brasilidade...

<sup>76</sup> Cassiano Ricardo, "Meus heróis", *Correio Paulistano*, 29 de dezembro de 1927, p. 3.

<sup>77</sup> A descrição desse personagem é feita por Herman Lima, em *História da caricatura no Brasil*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1963, v. 4, p. 1.368.

### Considerações finais: a geografia nos redime...

A questão da *brasilidade* constitui um tema obrigatório no debate modernista, mobilizando indistintamente todos os intelectuais. Como enfrentar o fator diferença? Como explicar a defasagem Brasil-mundo? Que lugar caberia ao nosso país no concerto das nações? Ser mera projeção ou ter luz própria?

Se as indagações são comuns, as respostas divergem. Oswald sugere que acertemos o nosso relógio; Mário alerta para a necessidade de pensarmos em uma temporalidade própria, o que significa dizer que o Brasil não reproduz o tempo, mas o cria de acordo com uma nova dimensão, que é a sua. Fica patente, portanto, que a singularidade reside no fator *temporal*, na descoberta de um novo tempo, do nosso tempo. Mas esta idéia não é consenso. Os verde-amarelos defendem perspectiva adversa quando priorizam o *espaço* como fator da nossa singularidade. Interessa ao grupo resgatar o Brasil-território, do mapa e das fronteiras, das paisagens locais delimitadas pela geografia...

Definem-se, portanto, duas visões antagônicas sobre a nacionalidade: a primeira, que emerge com o modernismo, baseada no critério temporal e voltada para a contextualização histórica (Mário de Andrade); e a segunda, baseada no critério espacial, revelando nítida preocupação com a geografia (grupo Verde-Amarelo). Enquanto esta última mantém presente e atualiza a tradição regionalista, a corrente de Mário de Andrade procura justamente romper com essa perspectiva, apresentando novos instrumentos para repensar a nacionalidade.

Ao longo de três décadas a teoria da espacialização do Brasil fundamenta o projeto hegemônico dos verde-amarelos. Na década de 1920, a visão da nacionalidade que apresenta São Paulo como núcleo da brasilidade chama à polêmica intelectuais paulistas e cariocas. Comparando o movimento modernista com as expedições bandeirantes, os verde-amarelos argumentam que os paulistas sempre se destacaram pelos seus ideais vanguardistas ao se deslocarem para as outras regiões... E bem significativo o comentário que tecem ao visitarem o Rio de Janeiro: "Mais uma vez a província se adianta à metrópole." Mas o que está em jogo é o próprio projeto de hegemonia paulista. A desqualificação empreendida em relação ao Rio de Janeiro - província com ares de metrópole - torna-se fundamental para assegurar o lugar de São Paulo no seio da nacionalidade.

Além de polemizar com os intelectuais cariocas, os verde-amarelos também elegem paulistas como seus interlocutores opositoristas através das figuras de Mário e Oswald de Andrade. O confronto que se estabeleceu aqui é de outra natureza, decorrente de visões antagônicas sobre a nacionalidade.

Através da visão geográfico-espacial é possível explicar as origens do Estado nacional (bandeirante), o ruralismo da nossa civilização (voz do *Oeste*), a formação do caráter nacional (São Paulo = empreendedor/Rio = contemplativo), a história como fruto da geografia (percurso das expedições bandeirantes = percurso da brasilidade) e o predomínio da natureza sobre o intelecto. Essas idéias constituem os fundamentos da idéia verde-amarela através da qual o grupo consegue impor sua hegemonia política ao longo de três décadas (do modernismo ao Estado Novo). É dentro desse quadro que ocorre a associação entre a ideologia ufanista e a visão geográfica. É porque a natureza tropical é um desafio que sua conquista se transforma numa epopéia a ser vivida por gigantes e heróis (bandeirantes, é claro!).

Na qualidade de linguagem primordial, é a natureza que deve inspirar o "sentimento patriótico". Por isso a *Geografia sentimental*, de Plínio Salgado, dispensa a pesquisa

etnográfica, tipo Mário de Andrade, para registrar apenas os sentimentos evocados pela paisagem. Dispensando as mediações do intelecto, evitando os perigosos meandros da reflexão, chega-se ao ufanismo...

Estas são algumas das idéias que compõem a doutrina dos verde-amarelos. Na realidade, sua ideologia está bem mais enraizada na nossa história do que supomos. Ela se encontra disseminada nas linhas e entrelinhas dos nossos projetos políticos e dos nossos manuais escolares; aparece volta e meia nos discursos de parlamentares ufanistas, chegando mesmo a desfrutar de certo consenso entre os mais desavisados. A idéia do "Brasil grande" seguida do imperativo "Ame-o ou deixe-o" não é mais do que uma reinvenção dessa ideologia.

Como explicar tal poder de aceitação ou tal recorrência? Por que esta visão espacial do Brasil casa tão bem com o ufanismo?

A reconstituição da nossa história pode oferecer uma resposta. De modo geral, os nossos historiadores transmitem uma visão amarga do passado. A idéia de um "Brasil errado" aparece quase sempre nas reconstituições históricas. Formamos um país de mestiços e analfabetos, sofremos a extorsão da metrópole, nossos anseios de liberdade foram barrados... Isto nos conta a história. Mas a geografia fala uma outra linguagem: a da grandiosidade. Então, há por que se ufanar do Brasil! Seu gigantesco mapa, sua natureza exuberante, sua flora e fauna, sua geografia poética (o mapa do Brasil vira harpa).

É perfeita a conjugação geografia-ufanismo. Se o terreno da história está minado pelo pessimismo, se nele não cabem as loas e glórias, é necessário deslocar-se então para a geografia.

Na geografia as coisas falam por si. A linguagem da natureza não envolve a trama das ações humanas... Este campo é livre, portanto, para o que se deseja construir. Por isso a geografia serve tão bem ao ufanismo. Se a história nos condena, a geografia nos redime...

*(Recebido para publicação em janeiro de 1993)*

---

Mônica Pimenta Velloso é pesquisadora do CPDOC/FGV